

DS

ARTIGO

O PÂNTANO DA POLÍTICA

A política não é um fim em si mesma. É um sistema-meio para administrar as necessidades do povo. Na visão aristotélica, política é missão, cabendo ao cidadão o dever ético de servir à polis.

Na contemporaneidade, transformou-se em profissão. Que propicia aos seus participantes fatar o bolo e comê-lo quando tiver vontade. Virou uma escada para muitos subirem na vida.

A política deixou de ser um sistema que desenvolve a capacidade de responder aspirações, transformar expectativas em programas, coordenar comportamentos coletivos e recrutar para a vida pública quem deseja cumprir uma missão social.

No Brasil, infelizmente, o ideal político é uma quimera, mesmo que esteja na boca de participantes, principalmente em anos eleitorais como o que vivemos: “vamos melhorar as condições dos trabalhadores, facilitar o acesso ao crédito, qualificar a educação, equipar hospitais, dar segurança ao povo”.

Em suma, a política se tornou um dos maiores e melhores negócios da Federação. O empreendimento é a conquista de um mandato, seja como vereador, deputado estadual, deputado federal, senador, governador ou presidente da República.

Um dos produtos é a intermediação, o caminho que usa a burocracia pública e os mandatários para políticos obterem recursos, benefícios e vantagens. Estamos no fundo do poço, ou, para usar a terminologia lembrada por Hélio Schwartzman, em seu artiguete de quarta, 27, na FSP, estamos vivendo um jogo pesado, “constitutional hardball - jogo pesado constitucional”, na expressão de Mark Tushnet, de Harvard. Uso uma metáfora: vemos a derrubada do Muro Constitucional.

Querem o exemplo mais recente do desmoronamento dos pilares do nosso edifício democrático? O perdão concedido pelo presidente a um deputado, amigo e parceiro, condenado pela Justiça e, pasmem, a escolha desse parlamentar para integrar comissões na Câmara, entre as quais, a mais importante, a CCJ, Comissão de Constituição e Justiça. Significa escolher alguém que afronta Justiça para decidir sobre leis, ou seja, sobre justiça. O cúmulo da distorção.

O negócio da política mexe com cerca de 150 milhões de consumidores, que formam o contingente eleitoral. Para chegar até eles, um candidato gasta, em média, R\$ 7 reais por eleitor, quantia que pode ser cinco a seis vezes maior, se o candidato for agraciado com recursos do polpudo orçamento partidário para a gastança eleitoral. Ou se for rico. A maioria gastará bem mais que a soma dos salários em quatro anos de mandato.

A questão é: se a campanha política no Brasil é tão dispendiosa e se os candidatos gastam acima do que ganham, por que se empenham tanto em assumir a espinhosa e sacrificada missão de servir ao povo?

É arriscado inferir sobre as ações e os comportamentos do nosso corpo político, sob o reconhecimento de que parcela do Congresso tem atuado de maneira nobre na defesa de seus representados. Mas sofre críticas por conta da corrupção cometida por alguns.

Outro sistema que erode os cofres públicos é a indústria do superfaturamento. As obras públicas, nas três malhas da administração (federal, estadual e municipal), geralmente são feitas com um “plus”, um dinheiro a mais. Registra-se, até, a figura de um ex-governador de um Estado do Sudeste, que era conhecido pela alcunha de “quinzão”. Parcelas dos recursos se somam às verbas da indústria do achaque e vão para os cofres das campanhas, formando o círculo vicioso responsável pelo lamaçal. Os desvios só acontecem porque nos postos chaves estão pessoas de confiança dos políticos. Resposta da charada. A malha de dirigentes abre espaços, possibilitando contratos, facilitando negócios, costurando o tapete financeiro que cobre a sala de estar da administração. O PIB informal da política é algo escandaloso, chegando a superar a imaginação de alquimistas financeiros sofisticados.

Esse é um tapete difícil de ser lavado. Contém milhões de ácaros que se alimentam das camadas de pele do corpo político. Ninguém vê, mas todos sabem que eles estão lá. Na velha cama, suja e embolorada, dormem perfis identificados com a manutenção do status quo. O ciclo é fechado: a sujeira alimenta os ácaros - agentes e intermediários - e estes suprem sua matriz alimentícia - os patrocinadores - perpetuando e multiplicando formas de corrupção.

Não é qualquer detergente que pode limpar os porões da política.

Gaudêncio Torquato é jornalista, escritor, professor titular da USP e consultor político Twitter@gaudtorquato

JORNAL DIÁRIO DA SERRA Propriedade da AJOTA ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA CNPJ: 29.464.235/0001-16 Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões 78302-028 Tangará da Serra-MT ISSN 22386467	REDAÇÃO DIREÇÃO DE JORNALISMO Fabiola Tormes CONTATO ds@diariodaserra.com.br Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos para o whatsapp do DIÁRIO DA SERRA (65) 3326-4724 www.diariodaserra.com.br www.ds.jor.br
TIRAGEM 1 MIL EXEMPLARES CIRCULAÇÃO Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenópolis, Nortelândia e Santo Afonso. CENTRAL DO ASSINANTE (65)3326.6501	DEPARTAMENTO COMERCIAL PUBLICIDADE ASSINATURA PUBLICIDADE LEGAL Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA SERVIÇOS GRÁFICOS E. Tormes e Cia. LTDA CNPJ: 14.048.123/0001-07 CONTATO: adm@diariodaserra.com.br Fone: (65) 3326-4724

Diário da Serra

O DIÁRIO DA NOTÍCIA

FUNDADO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1996

EDIÇÃO ON-LINE DESDE 06 DE SETEMBRO DE 1997

Endereço: Av. Tancredo Neves - 1247 W

Parque Mansões - CEP:78300-000

Tangará da Serra - MT - Brasil

 www.facebook.com/jornalds

 @diariodaserra

ATÉ 16 DE MAIO

Unemat prorroga período de inscrição para Vestibular



Inscrição segue até o dia 16

Esta edição oferta 2.430 vagas em 60 cursos, em 12 municípios

REDAÇÃO DS / Assessoria

A Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) prorrogou o período de inscrição para o Concurso Vestibular 2022/2 com ingresso no segundo semestre deste ano. Com a nova data a inscrição poderá ser efetuada até às 23 horas e 59 minutos do dia 16 de maio pelo site unemat.br/vestibular.

Já pagamento do valor de R\$ 100 da taxa de inscrição deverá ser efetivado até o dia 17 de maio, observando o horário de

expediente bancário.

Os demais itens do edital, permanecem inalterados. A data de realização das provas segue dia 12 de junho, das 8 às 13 horas. Serão duas fases: a primeira tem quatro provas objetivas, com questões sobre Ciências da Natureza e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias, e Linguagens, Códigos e suas tecnologias. Já a segunda etapa é constituída de uma prova de redação.

Esta edição oferta 2.430 vagas em 60 cursos, distribuídos em 12 municípios do Estado. Para o Campus Professor Eugênio Carlos Stieler, em Tangará da Serra, estão sendo ofertadas 360 va-

gas, divididas nos cursos de: Administração (matutino e noturno); Agronomia; Ciências Biológicas; Ciências Contábeis; Enfermagem; Engenharia Civil; Jornalismo; e Letras.

São 40 vagas em cada um deles, com vagas para cotistas, sendo 24 reservadas para alunos que cumpriram integralmente o Ensino Médio em escola pública. Destas 24 vagas, 10 são para estudantes negros, 2 para estudantes indígenas, 1 para estudantes com deficiência e 11 para os demais candidatos de escola pública. A ampla concorrência terá 16 vagas.

O resultado final será divulgado a partir do dia 22 de julho. O período letivo terá início no dia 8 de agosto.

TANGARÁ

Biblioteca Pública atende mais de 1,5 mil pessoas em abril

REDAÇÃO DS / Serra FM

A Biblioteca Pública Municipal Viviane Costa dos Santos Ferro de Tangará da Serra atendeu mais de 1.500 pessoas no mês de abril, que utilizaram os serviços disponíveis do espaço.

Segundo o bibliotecário Wagner Lili, os serviços mais procurados foram empréstimo de livros, utilização do espaço para estudo, reunião

e uso de computadores. “Foram 1.511 pessoas atendidas, sendo 432 foram empréstimos de livros e 418 de utilização de computadores”, informa o responsável.

Os números são reflexos dos esforços da Secretaria de Cultura e Turismo e da equipe da Biblioteca em tornar o espaço mais dinâmico e acessível.

Neste período, os livros com maior saída foram ‘Poder do Hábito: por que fazemos o que fazemos na vida

e nos negócios’, de Charles Duhigg, ex-repórter do New York Times, que explora a ciência por trás da criação e reforma de hábitos; Dom Casmurro, obra realista de Machado de Assis, publicado pela primeira vez em 1899 e que conta a história do possível triângulo amoroso entre Bentinho, Capitu e Escobar; e ainda o Diário de Um Banana, uma série de livros do gênero ficção científica escrito pelo cartunista norte-americano Jeff Kinney.